

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

28



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2019



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA

JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

28

Editor Principal | Editor-in-chief

Nuno Simões Rodrigues

CH
CENTRO DE HISTÓRIA

Centro de História da Universidade de Lisboa

2019



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief

Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos | Co-editors

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa),
Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa)

Assistentes de Edição | Editorial Assistants

Ana Catarina Almeida, Catarina Pinto Fernandes, Denise Calado, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguir

Revisão Editorial | Copy-Editing

André Morgado, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguir

Redacção | Redactorial Committee

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa),
António Ramos dos Santos (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo),
Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa de Sousa (Universidade de Lisboa), Francisco Barrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid),
Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Loïc Borgies (Université Libre de Bruxelles),
Maria Ana Valdez (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (EU Business School - Barcelona), Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa),
Rogério de Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svård (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Roehampton), Suzana Schwartz
(Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa).

Comissão Científica | Editorial and Scientific Board

Antonio Loprieno (Universität Basel), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico).

Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue

Agnes García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), André Carneiro (Universidade de Évora), Carlos Martins de Jesus (Universidade de Coimbra), Fábio Lessa (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Fernando Bermejo Rubio (Universidad Nacional de Educación a Distancia), Inês de Ornelas e Castro (Universidade Nova de Lisboa), Inês Vaz Pinto (Sítio Arqueológico de Tróia), Isaías Hipólito (Universidade de Coimbra), Javier Andreu Pintado (Universidad de Navarra), José Luís Brandão (Universidade de Lisboa), Juan José Castillos (Instituto Uruguayo de Egiptología), Maria de Fátima Rosa (Universidade Nova de Lisboa), Marta González González (Universidad de Málaga), Pedro Carvalhal (Universidade de Coimbra), Raquel dos Santos Funari (Universidade Estadual de Campinas), Ricardo Duarte (Universidade de Lisboa), Susana Schwartz (Universidade de São Paulo), Victoria Emma Pagán (University of Florida).

Editora | Publisher

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2019

Concepção Gráfica | Graphic Design

Bruno Fernandes

Periodicidade: Anual

ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

Depósito Legal: 54539/92

Tiragem: 150 exemplares

P.V.P.: €15,00

Cadmo – Revista de História Antiga | Journal for Ancient History

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extensão: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63
cadmo.journal@letras.uilisboa.pt | www.centrodehistoria-flul.com/cadmo



This work is funded by national funds through FCT – Foundation for Science and Technology under project UID/HIS/04311/2013, UID/HIS/04311/2019 and UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

SUMÁRIO

TABLE OF CONTENTS

09 AUTORES CONVIDADOS

GUEST ESSAYS

11 MATERNIDADE E FILICÍDIO

MATERNITY AND FILICIDE

Maria de Fátima Sousa e Silva

31 THE ENEMY AT THE CITY GATES.

Seven against Thebes, 287-368

Marta González González

51 ESTUDOS

ARTICLES

53 DEUSES BANQUEIROS:

uma seleção de contratos paleobabilônicos de empréstimos
feitos por templos

BANKING GODS:

a selection of Old Babylonian temple loan contracts

Lucas G. Freire

77 A “TERRA BÍBLICA” DO PRIMEIRO TESTAMENTO:

construção de um espaço religioso

THE “LAND OF THE BIBLE” OF THE FIRST TESTAMENT:

building of a religious space

Sofia Beato

93 “A MALDIÇÃO DA MÚMIA”.

Relatos na imprensa portuguesa sobre a descoberta do Túmulo de
Tutankhamon

“THE CURSE OF THE MUMMY”.

Reports in the Portuguese press on the discovery of the Tomb of Tutankhamun

José das Candeias Sales & Susana Mota

119 A DIMENSÃO VISUAL DO CÂNONE NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

THE VISUAL DIMENSION OF THE CANON IN CLASSICAL ANTIQUITY

Sílvia Catarina Pereira Diogo

139 A HÉLADE EM ROMA.

A recepção do estilo de vida da aristocracia ática através das *fabulae palliatae* de Plauto: a alimentação, as heteras e o *damnum*
GREECE IN ROME.

The reception of the lifestyle of the Attic aristocracy through Plautus' fabulae palliatae: the food, the hetaerae and the damnum

Álvaro Martinho

165 ALARGAMENTO DO DOMÍNIO ROMANO NA ITÁLIA CENTRAL EM MEADOS DO SÉCULO IV A.C.

EXPANSION OF ROMAN POWER IN CENTRAL ITALY IN THE MID-4TH CENTURY B.C.

Filipe Carmo

187 RIFLETTENDO (SU) LUCIO (ANNEO SENECA), UN POLITICO IN FILOSOFIA E UN FILOSOFO IN POLITICA

REFLECTING UPON LUCIO ANNEO SENECA, A POLITICIAN IN PHILOSOPHY AND A PHILOSOPHER IN POLITICS

Carlotta Montagna

219 NOTAS E COMENTÁRIOS

COMMENTS AND ESSAYS

221 OS TOPÓNIMOS PRÉ-ROMANOS DA HISPÂNIA:

a propósito dos *Monumenta Linguarum Hispanicarum*, VI

PRE-ROMAN TOPONYMS IN HISPANIA:

on the Monumenta Linguarum Hispanicarum, VI

Amílcar Guerra

235 HOMENAGEM A ALICIA MARAVELIA

TRIBUTE TO ALICIA MARAVELIA

Telo Canhão

251 RECENSÕES

REVIEWS

333 IN MEMORIAM

341 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO

JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES

“A MALDIÇÃO DA MÚMIA”.

Relatos na imprensa portuguesa sobre a descoberta do Túmulo de Tutankhamon

“THE CURSE OF THE MUMMY”.

Reports in the Portuguese press on the discovery of the Tomb of Tutankhamun

José das Candeias Sales

Universidade Aberta; Centro de História da Universidade de Lisboa

Jose.Sales@uab.pt |  : <http://orcid.org/0000-0003-1087-1478>

Susana Mota

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

susanamota@fcsch.unl.pt |  : <https://orcid.org/0000-0002-4819-6239>

proposta: 13/11/2018 | aceitação: 07/05/2019
submission acceptance

Resumo

O presente texto, realizado no contexto do nosso projecto de investigação *Tutankhamon em Portugal. Relatos na imprensa portuguesa (1922-1939)*, pretende apresentar a atenção dada pela imprensa nacional à descoberta do túmulo do faraó Tutankhamon, a 4 de Novembro de 1922, por Howard Carter e pelo seu patrocinador Lord Carnarvon e aos factos daí decorrentes, sobretudo durante os anos de 1923 e 1924.

Os jornais e revistas em Portugal noticiaram amplamente não só os trabalhos no túmulo e os artefactos descobertos, como também os episódios, com um cariz fortemente supersticioso, associados à morte do mecenas Lord Carnarvon (5 de Abril de 1923). Pelo conjunto de textos seleccionados, comentamos o tópico fundamental de “a maldição da múmia” que demonstra como autores portugueses ou a tradução de textos estrangeiros expressaram a vontade de fazer chegar o antigo Egipto aos portugueses dos anos 20 do século XX.

Com a divulgação de notícias quase diárias, a imprensa portuguesa foi um poderoso agente na ampliação do mistério e fascínio que a antiga civilização egípcia exercia sobre os leitores portugueses e, ao mesmo tempo, na transformação do Egipto faraónico numa realidade mais próxima e concreta, embora sem perder a sua carga subjectiva e mítica.

Palavras-chave

Recepção da Antiguidade; Tutankhamon; imprensa portuguesa; antigo Egipto; “maldição da múmia”.

Abstract

This text, written in the scope of our research project *Tutankhamon em Portugal. Relatos na imprensa portuguesa (1922-1939)*, aims to show the importance given by the national press to the discovery of the tomb of the pharaoh Tutankhamun by Howard Carter and his patron Lord Carnarvon on the 4th of November of 1922, and the facts that arose from this discovery, especially during the years of 1923 and 1924.

The newspapers and the magazines in Portugal widely reported not only the works undertaken on the tomb and the artefacts found there, but also the episodes with a strong superstitious nature linked to the death of the patron Lord Carnarvon (5th of April of 1923). Through a selection of texts concerning the topic of “the curse of the mummy”, we intend to show how the Portuguese authors, or the translation of foreign texts, expressed the keenness in bringing the ancient Egypt to the Portuguese public in the 20s of the 20th century.

With the almost daily spread of news, the Portuguese press was a powerful agent in magnifying the mystery and the fascination that the ancient Egyptian civilization had upon the Portuguese readers. At the same time, it helped transforming the pharaonic Egypt into a closer and concrete reality, never losing, though, its subjective and mythical side.

Keywords

Reception of Antiquity; Tutankhamun; Portuguese press; ancient Egypt, “curse of the mummy”.

A descoberta do túmulo pretensamente inviolado de Tutankhamon, a 4 de Novembro de 1922, por Howard Carter, constituiu um extraordinário momento / acontecimento de viragem pela repercussão e eco de que gozou na imprensa internacional.¹ A cobertura mediática dada à descoberta amplificou de forma inusitada o interesse pela antiga história egípcia e pelos seus principais agentes, costumes e práticas.

Portugal não escapou também ao interesse e mistério que rodeou este achado arqueológico. Para o público vulgar, a antiguidade egípcia era uma “terra” distante, obscura e silenciosa, uma realidade complexa e plural com milhares de anos que, todavia – ou talvez por isso –, estimulava a imaginação e aguçava a curiosidade. A imprensa convocava, agora, a atenção dessas camadas mais alargadas da população, mesmo daqueles que não sabendo ler ouviam ler as notícias, desejosas de obter novos conhecimentos sobre a civilização do antigo Egipto e a descoberta de um túmulo intacto, com milhares de anos, no longínquo Vale dos Reis, fornecia, quase diariamente, notícias que alimentavam consistentemente essa ânsia de conhecimento e de informação.

A imprensa portuguesa estava claramente consciente do “filão” noticioso que a descoberta proporcionava, com todo o exotismo e fascínio inerente, bem como do seu próprio papel na disseminação de notícias e conhecimento sobre o passado, sobre o acontecimento arqueológico em causa e sobre as personagens nele envolvidas e, por isso, alinhou-se assumidamente com o movimento internacional em curso.

Entre 1922 (data da descoberta do túmulo de Tutankhamon, a 4 de Novembro) e 1939 (simultaneamente, o ano da morte do arqueólogo Howard

1 Dizemos “pretensamente” porque o túmulo não fora violado pela Arqueologia moderna antes de 1922, mas fora-o duas vezes na Antiguidade: a primeira vez, muito pouco tempo depois do funeral do rei e muito provavelmente por aqueles que a ele tinham assistido. Os roubos foram descobertos e o corredor de entrada preenchido com escombros para constituir um impedimento para futuros acessos ilícitos, o que acabou por não resultar, pois um segundo saque ocorreu pouco tempo depois. Desta vez, os intrusos foram menos sortudos, pois foram apanhados durante o assalto, com alguns dos seus despojos encontrados por Carter ainda envoltos num lenço prontos a serem transportados para fora do túmulo. O destino dos ladrões foi terrível: mutilação e empalamento em aguçadas estacas. Este brutal castigo fez claramente a diferença: não haveria mais tentativas para entrar no túmulo. Com o esquecimento a que os faraós heréticos de Amarna foram votados durante o Período Raméssida e com a construção no local, alguns anos depois, de uma série de armazéns e abrigos para operários, o túmulo de Tutankhamun foi completamente esquecido (Reeves 2000, 163).

Carter e das novas descobertas de Tânis), identificámos 28 periódicos² e 234 diferentes notícias recolhidas sobre a descoberta arqueológica em causa e sobre eventos daí decorrentes. O ano com maior número de notícias é 1923 (117 notícias), seguido de 1924 (94 notícias). Nestes dois anos, deparamo-nos, portanto, com 211 das 234 notícias recolhidas, ou seja, com 90 % do total apurado. Esta esmagadora preponderância é plenamente justificada pelo facto de estes anos serem aqueles com maior número de eventos ocorridos em torno da descoberta: 1923 é o ano da abertura oficial do túmulo e da morte de Lord Carnarvon; 1924 é o ano de continuação dos trabalhos no túmulo, com problemas ocorridos entre Howard Carter e o governo egípcio em torno justamente da continuação/funcionamento dos trabalhos de escavação. O ano de 1939, que encerra a nossa cronologia de pesquisa, aparece em terceiro lugar, ainda que com apenas 10 notícias, todas elas dedicadas ou à morte de Howard Carter (3 notícias) ou às novas descobertas que então ocorreram em Tânis, sob a supervisão de Pierre Montet (7 notícias). Algumas destas notícias não são da autoria de jornalistas portugueses, mas sim resultado de uma “composição” ou tradução a partir de notícias recolhidas em agências noticiosas estrangeiras (francesas e inglesas nomeadamente), como veremos.

Interessa-nos, todavia, perceber que tipo de discurso esses relatos e notícias sobre a descoberta do túmulo na imprensa portuguesa manifestavam e que, consciente ou inconscientemente, ajudaram, assim, a construir. Para tal, apresentamos um conjunto de textos publicados pela imprensa portuguesa nos anos de 1923 e 1924 que demonstram a forma como, em textos de autores portugueses ou textos estrangeiros traduzidos, se expressa a vontade de fazer chegar o antigo Egipto aos portugueses da época e particularmente um dos tópicos que mais chamou a atenção e que mais tinta fez correr nos periódicos mundiais: a “vingança da múmia”.

O principal segmento de exploração noticiosa, sobretudo a partir de 5 de Abril de 1923, data da morte de Lord Carnarvon, foi efectivamente “a vingança da

2 *A Capital, A Época, A Imprensa Nova (Série I), A Pátria, A Tarde, A Tribuna, A Vanguarda, ABC: Revista Portuguesa, Correio da Manhã, Diário da Manhã, Diário de Lisboa, Diário de Notícias, Dyonisos, Ilustração Portuguesa, Jornal de Notícias, Novidades, O Comércio do Porto, O Comércio do Porto – Ed. da Tarde, O Dia, O Domingo Ilustrado, O Mundo, O Radical, O Rebate, O Século, O Século – Ed. da Noite, O Primeiro de Janeiro, República (Série I) e República (Série II).*

múmia” ou “a vingança de Tutankhamon”. O 5.º conde de Carnarvon, de seu nome completo George Edward Stanhope Molyneux Herbert, financiador da exploração arqueológica que conduziu à descoberta do túmulo de Tutankhamon, nasceu a 26 de Junho de 1866 e faleceu, com 56 anos, cerca de 6 semanas depois da abertura oficial da câmara funerária do túmulo de Tutankhamon (16-17 de Fevereiro), justamente a 5 de Abril de 1923, em resultado da infecção de uma picada de mosquito, que lhe terá provocado uma septicémia. O infeliz destino de George Edward não era raro no Egipto, mas a imprensa internacional, ansiosa por corresponder ao interesse do grande público, logo lançou a história da maldição do faraó que, assim, castigava aqueles que ousaram perturbar o seu descanso eterno.³

Este tópico, diríamos de sucesso garantido junto do grande público, é igualmente utilizado pela imprensa portuguesa: casos de *A Capital*⁴ (5 de Abril de 1923, p. 1; 10 de Abril de 1923, p. 2, e 11 de Fevereiro de 1924, p. 1); de *A Tarde*⁵ (16 de Fevereiro de 1924, p. 1); de *A Tribuna*⁶ (5 de Abril de 1923, p. 1 e 4 de Março de 1924, p. 1); do *Diário de Lisboa*⁷ (9 de Abril de 1923, p. 7); do *Diário de Notícias*⁸ (7 de Abril de 1923, p. 1); e de *O Comércio do Porto – Ed. da Tarde*⁹ (16 de Abril de 1923, p. 1 e 19 de Fevereiro de 1924, p. 1). Os títulos são particularmente reveladores da estratégia assumida de fixar a atenção do grande público na dimensão mágica, supersticiosa, pretensamente associada à antiga religião egípcia e aos seus faraós:

– “MORREU LORD CARNARWON. A ameaça do faraó 3500 anos depois. O segredo da morte. A vingança da mumia” (*A Capital*, 5 de Abril de 1923, p. 1);¹⁰

3 Francesco Ballerini (1877-1910), por exemplo, primeiro assistente do arqueólogo e egiptólogo italiano Ernesto Schiaparelli (1856-1928), responsável, entre outras, pela descoberta, em 1904, do túmulo da rainha Nefertari (QV 66), no Vale das Rainhas, e pela escavação do também intacto túmulo do arquitecto real Kha (TT8), em Deir el Medina, em 1906, morrera da mesma forma, a 5 de Maio de 1910 (Reeves 2000, 165).

4 *A Capital* foi um jornal vespertino de cariz republicano (o seu subtítulo era *Diário Republicano da Noite*), publicado entre 1910 e 1938. Orgulhava-se de ser o “Jornal do Povo, pelo Povo e para o Povo” (Lemos 2006, 158-59).

5 O jornal *A Tarde* publicou-se entre 1923 e 1927 (Lemos 2006, 582-83).

6 *A Tribuna*, com o subtítulo de *Diário Republicano da Manhã*, publicou-se em Portugal entre 1920 e 1926 (Lemos 2006, 594-96).

7 O *Diário de Lisboa* foi um vespertino que se publicou em Portugal entre 1921 e 1990 (Lemos 2006, 256-57).

8 O *Diário de Notícias* publica-se em Portugal desde 1864. A partir de 29 de Dezembro de 1921 começou a publicar uma edição da noite, tendo sido o primeiro jornal português, a partir de 1 de Janeiro de 1925, a abrir uma sucursal no estrangeiro, neste caso em Paris (Lemos 2006, 260-63).

9 *O Comércio do Porto* começou a publicar-se a 2 de Junho 1854, tendo-se publicado até 2005 (a última edição impressa foi de 30 de Julho). Historicamente, começou como *O Comércio* e só a 2 de Janeiro de 1856 passou a ser *O Comércio do Porto*. Em 1921, dispunha já de uma rotativa com capacidade de impressão a três cores (Lemos 2006, 170-72).

10 Ver anexo A: Figura 1.

- “TOUT-ANKH-AMON. Os faraós vingam-se e Lord Carnarvon é vítima deles e dos egiptólogos seus colegas” (*A Tribuna*, 5 de Abril de 1923, p. 1);¹¹
- “A VINGANÇA DO FARAÓ. Os mistérios da magia negra do antigo Egito e a morte de ‘lord’ Carnarvon, violador do tumulo de Tutankhamon. – Não ouse descobrir o segredo da minha morte!” (*Diário de Notícias*, 7 de Abril de 1923, p. 1);¹²
- “A Actualidade Internacional. CARNARVON o descobridor do tumulo de Tut-Ank-Amon e o mistério da sua morte. Uma luta interessante entre a superstição e a sciencia” (*Diário de Lisboa*, 9 de Abril de 1923, p. 7, e *O Comércio do Porto – Ed. da Tarde*, de 16 de Abril de 1923, p. 1);¹³
- “A MORTE DE LORD CARNARVON. O PHARAÓ ter-se-hia vingado? – Certamente, dizem os ocultistas/ – Como sabe-lo? Declaram os téosofos/ – Impossível, protestam os espiritas/ – Infantilidade, afirmam os egiptólogos” (*A Capital*, 10 de Abril de 1923, p. 2);¹⁴
- “A VINGANÇA DE TOUTANKHAMON contra os violadores do seu tumulo. Os Deuses não descansarão” (*A Capital*, 11 de Fevereiro de 1924, p. 1);¹⁵
- “Os mistérios do Egito. TUT-ANK-AMEN e sua postuma vingança. Quem matou Lord Carnarvon e os indígenas empregados nas escavações do tumulo faraonico?” (*A Tarde*, 16 de Fevereiro de 1924, p. 1);¹⁶
- “A PROFANAÇÃO DO VALLE DOS REIS e a justiça de ‘Tut-ank-Amen’” (*O Comércio do Porto*, 19 de Fevereiro de 1924, p. 1);¹⁷
- “Boletim do Estrangeiro. A VINGANÇA DO FARAÓ continua implacavelmente a exercer-se sobre todos os que se acercam do túmulo descoberto” (*A Tribuna*, 4 de Março de 1924, p. 1).¹⁸

Termos como “mistério”, “segredo”, “ameaça”, “magia”, “morte”, “vingança”, “violadores”, “profanadores”, judiciosamente usados nos títulos das notícias, têm o sortilégio de, sob uma aparência inócua e informativa, deixar passar profundos juízos de valor e, dessa forma, “inclinarem” *ab initio* a leitura e a percepção das respectivas notícias. Há uma marcada carga sensacionalista nestes títulos.

Os títulos e também, naturalmente, o desenvolvimento das notícias partem de um preconcebido Egito antigo onde a religiosidade primitiva está impregnada

11 Ver anexo A: Figura 2.

12 Ver anexo A: Figura 3.

13 Ver anexo A: Figuras 4 e 5.

14 Ver anexo A: Figura 6.

15 Ver anexo A: Figura 7.

16 Ver anexo A: Figura 8.

17 Ver anexo A: Figura 9.

18 Ver anexo A: Figura 10.

de características e virtualidades tais que lhe permitem, através dos “mistérios da magia negra”, transpor os tempos e castigar inexoravelmente aqueles que se atreveram a mexer com a sua dimensão mais profunda que é a morte/sossego eterno de um seu soberano. Não interessa se se trata de simples trabalhadores, de arqueólogos encartados ou de grandes magnatas, a vingança do faraó é implacável e infalível.

Esta ideia da infalibilidade da maldição da múmia aparece em todas estas notícias. Na notícia de *A Capital*, de 5 de Abril de 1923, a morte de Lord Carnarvon, ocorrida na madrugada desse mesmo dia, sublinhe-se, e conhecida através de um telegrama recebido do Cairo, reproduzido na notícia, é interpretada liminarmente à luz das supostas maldições inscritas no túmulo: “Não ouseis violar o segredo da minha morte! Deus Amon está comigo e Ele castigará o teu sacrilégio!”.¹⁹ Orgulhoso da descoberta e ávido de fama e de riquezas, o “teimoso e descrente” “arqueólogo” ousou violar os segredos da morte do faraó egípcio e mergulhar no seu “Palacio de mumia”, ignorando “a ameaça lançada por uma voz distanciada pela imensidão dos séculos” inscrita nas paredes tumulares, e “A ameaça lançada por Tuh-Crukh-Amon cumpriu-se”. “Trinta e cinco séculos passados”, o “encantamento, tão forte como a vontade dum deus” actuou...²⁰

Aludindo aos “extraordinários comentários” sobre a morte de Lord Carnarvon, a notícia da página 1 de *A Tribuna*, também datada de 5 de Abril de 1923, não tem também qualquer dúvida: tratou-se da “vingança misteriosa de Tout-Ankh-Amon, que mãos profanas foram despertar do sono em que jazia há tantos séculos”.²¹ Para *A Tribuna*, as fórmulas mágicas de impreciação não estavam inscritas no interior do túmulo, como para *A Capital*, mas num antiquíssimo papiro, como havia cerca de um mês bem recordara “um egiptólogo francês” de que não nos é fornecido o nome: “Num papiro antiquíssimo existe uma formula magica para

19 *A Capital*, 5 de Abril de 1923, 1. O telegrama mencionado é também reproduzido por outros jornais portugueses do mesmo dia (*O Dia*) ou do dia seguinte (*República*, *I Série* e *A Pátria*). A fórmula de maldição é repetida duas vezes na notícia, logo a abrir, qual epitáfio, e depois no corpo da mesma.

20 *A Capital*, 5 de Abril de 1923, 1. Duas passagens desta notícia merecem esta nossa nota: a primeira, por se afirmar explicitamente que o Egipto oferecera múmias a vários países do mundo que “Até a Portugal vieram parar duas ou três dúzias delas, mais ou menos anónimas”. A segunda, por constituir como que uma desculpa racional para a descrença de Lord Carnarvon em relação à multissecular ameaça vingativa do faraó: “É que a arqueologia apaixonada domina um homem, como as emoções da roleta ou os sonhos coloridos do opio”.

21 *A Tribuna*, 5 de Abril de 1923, 1.

castigar os desenterradores de múmias: ritualmente pronunciada esta fórmula, o violador de tumulos é fatalmente mordido por uma víbora venenosa.”²² O agente da maldição faraônica é uma “víbora” ou, como se advoga mais à frente, “um mosquito”. O incomensurável poder da maldição de Tutankhamon recorreu, portanto, a um mosquito para consumir a sua vingança... “Um mortal que se lembrou de ir perturbar o sono de Tout-Ankh-Amon”, violando o seu túmulo e acercando-se “das coisas sagradas”, só podia ter um fim: a morte. “Tout-Ank-Amon vinga-se e a antiga profecia cumpre-se”, conclui a notícia²³, e a superstição ganha, acrescentamos nós.

Esta ideia do mosquito que “inoculou o veneno mortífero” volta a surgir na notícia da página 1 de 7 de Abril, do *Diário de Notícias*. O “denso mistério” da doença e morte de Lord Carnarvon é afinal de uma simplicidade tremenda: a desconsideração da “prescrição do faraó. – Não ouse violar o segredo da minha morte!” inscrita nos aposentos funerários do grande rei egípcio. “A doença do irreverente arqueólogo inglês era começo do castigo infligido pelo deus Amon a quem ousasse cometer tão grande sacrilégio.”²⁴ O diagnóstico estava traçado e o desenlace era expectável e infalível:

Perturbar o repouso desse rei que viveu entre o céu e a terra, representando uma das maiores civilizações do mundo, e que ha três mil anos dormia tranquilo e ignorado no meio dos seus tesouros . . . , era lavar uma sentença de morte.²⁵ . . . A vingança . . . seria terrível! . . . Era a fatalidade a perseguir o sacrilégio do Vale dos Reis! . . . Consumara-se a profecia. ‘Não ouse violar o segredo da minha morte!’ A ameaça caíra inexorável sobre o infatigável explorador. A Magia Negra do antigo Egipto . . . surtiu os seus efeitos. A vingança do faraó! O castigo de Amon! . . .²⁶

22 *A Tribuna*, 5 de Abril de 1923, 1. Esta alusão e a menção específica a duas revistas estrangeiras (*London News* e *L'Illustration*) levam-nos a considerar esta notícia uma cópia/reprodução de algo já publicado na imprensa estrangeira.

23 *A Tribuna*, 5 de Abril de 1923, 1.

24 *Diário de Notícias*, 7 de Abril de 1923, 1.

25 Refira-se, a propósito, que esta notícia é acompanhada por duas fotografias: uma mostrando os despojos do túmulo acumulados na antecâmara e a outra com um busto de madeira engessada e pintada de Tutankhamon, encontrado também na antecâmara do túmulo, hoje exposto no Museu Egípcio do Cairo (JE 60722), que é, todavia, identificado na legenda da foto como “representando a mulher de Tutankhamon”.

26 *Diário de Notícias*, 7 de Abril de 1923, 1.

A página 1 de *A Capital*, de 11 de Fevereiro de 1924, reproduz em português uma notícia do jornal francês *Le Matin*, de 4 do mesmo mês, citando um tal “dr. J. C. Mardeus”, cujo conteúdo é, no fundo o mesmo: a “serie de acontecimentos dramáticos” verificados desde a abertura do túmulo de Tutankhamon.²⁷ Apesar de já ter passado quase um ano sobre a morte de Lord Carnarvon, o espírito sensacionalista mantém-se: “Estamos numa epoca, em que ha espiritos fortes, com ‘ideias claras’ sobre todas as coisas, chamando bagatelas e superstições às crenças que reinaram durante milhares de anos no meio da civilização mais intelectual que floresceu na terra...”.²⁸ O menosprezo por essa vertente causara a morte de Carnarvon e de muitas outras vítimas que, embora desconhecidas do grande público e impossíveis, por isso, de confirmar, são convincentemente citadas: “Woalf Joel, George Jay-Gould, sir Archibald Douglas”.²⁹ O Dr. Mardrus acrescenta ainda uma punição suplementar entretanto ocorrida: “a epidemia de peste, que logo depois da abertura do tumulo, cahiu sobre os habitantes do Egito eterno”.³⁰ Há, porém, uma tentativa “científica” de encarar as fatalidades ocorridas e a opinião do sábio francês é enfática:

Que teria feito eu se dirigisse as buscas – de que Amon se salvaguardou – e que precaução teria tomado para acautelar a minha vida e a de todos aqueles de que era responsavel?

Teria, em primeiro lugar recorrido aos meios de defesa que nos concede a sciencia moderna para destruir a nocividade dum habito perigoso. Teria feito ‘o zonificar’ a supersaturação, depois ‘sublimisar’ a atmosfera viciada do hipogeu, onde pululavam ha tantos seculos, em segurança, tanto na pele dos animais, nas tinturas, nas provisões e nas oferendas de qualquer especie, os sparos indestrutíveis da bacteridia carbonosa, os microbios da peste, Os germens da crysipela e os enumeraveis exercitos de larvas que habitam a obscuridade.

E, de seguida, ter-me-hia munido de algumas ampolas de soro anti-carbonico, antevendo o anti-especifico.³¹

27 *A Capital*, 11 de Fevereiro de 1924, 1. Esta notícia tem paralelos com outra notícia publicada cerca de 15 dias depois, a 28 de Fevereiro, por *O Comércio do Porto – Ed. da Tarde*, p. 1. O “dr. J. C. Mardeus” citado é Joseph-Charles-Victor Mardrus (1868-1949), também nomeado como Jean-Charles Mardrus, médico, orientalista e famoso tradutor, nascido no Cairo. Estudou no Líbano antes de se fixar em Paris onde, entre outros, era amigo de Louis Aragon.

28 *A Capital*, 11 de Fevereiro de 1924, 1.

29 *A Capital*, 11 de Fevereiro de 1924, 1. Woalf Joel era um industrial inglês que visitou o túmulo e regressou a Inglaterra de barco, tendo morrido a 13 de Novembro de 1923, com acessos de febre. George Jay Gould foi um visitante do túmulo de Tutankhamon que morreu na Riviera francesa, a 16 maio de 1923, após ter desenvolvido uma febre a seguir à sua visita; Sir Archibald Douglas-Reid, o radiologista que fez raios-X à múmia de Tutankhamon, morreu a 15 de janeiro de 1924 de doença misteriosa.

30 *A Capital*, 11 de Fevereiro de 1924, 1.

31 *A Capital*, 11 de Fevereiro de 1924, 1.

A precaução metodológica enunciada denota uma procura racional de enfrentar as bactérias e os gérmes despertados em cada túmulo recém-aberto, mas, não vão estes cuidados não ser suficientes, o Dr. Mardrus não deixaria de atender também ao sobrenatural:

Mas também – afim de render homenagem ao genio da civilização desaparecida, às suas riquezas de espirito, à sua arte soberana, aos seus ritos, fantasmas pateticos a todo o misterio – teria depois duma saudação ao chefe do antiquissimo protocolo, cedido o logar ao soficiente, que na sua lithania, faria o competente exorcismo...³²

“O competente exorcismo” demonstraria o respeito pelas superstições e crenças egípcias, ao mesmo tempo que mantinha e sustentava essa leitura da realidade do antigo Egipto e a difundia para os milhares de leitores da imprensa nacional. “A vingança de Toutankhamon” continuava a impregnar os espíritos modernos.

Cinco dias depois, a 16 de Fevereiro de 1924, os “mistérios do Egipto” voltam a *A Tarde*. Desta feita, o encerramento do túmulo de Tutankhamon, no Vale dos Reis, “por imposição do povo egípcio”, é percepcionado como mais uma manifestação profética: “A alma egípcia, supersticiosa, voltada ainda para os manes do Passado, logo que se iniciaram as escavações do Vale dos Reis, profetizou um mau fim á empreza – e a profecia cumpriu-se.”³³ Era a confirmação de que o faraó se vingava de todos aqueles que se atravessavam no seu caminho. O encerramento do túmulo e o fim dos trabalhos de exploração são noticiados como o “último acto” da vingança faraónica, que desde o final de 1922 se adivinhava:

Mas da alma egípcia exilava-se já uma corrente forte de odio que se ia adensando sobre a cabeça dos profanadores – odio que se ia tecendo telepaticamente, formando um desejo comum de vingança contra Carter e Carnarvon.

O faraó vingar-se-há! – diziam os jornais egípcios, os proprios jornais ingleses, dizia-o toda a população do Egipto.³⁴

32 *A Capital*, 11 de Fevereiro de 1924, 1.

33 *A Tarde*, 16 de Fevereiro de 1924, 1.

34 *A Tarde*, 16 de Fevereiro de 1924, 1.

Carnarvon adoecera. A sua esposa adoecera também de seguida. Carnarvon falecera. Os seus meios-irmãos também.³⁵ Os trabalhadores indígenas de Carter a trabalhar no túmulo adoeceram. Tudo acontecimentos que irrefutavelmente atestavam a vingança do faraó, como se demonstra no desenvolvimento da notícia. E, por fim, o túmulo era encerrado. “Trut-ank-Amen estava vingado. E o povo egípcio, satisfeito, venerando ainda o seu passado glorioso . . . ”.³⁶

Parece haver uma certa “justiça” na acção de Tutankhamon, pelo menos é essa faceta que *O Comércio do Porto* explora, a 19 de Fevereiro de 1924, publicando uma notícia adaptada do *Le Matin*, de 4 e de 5 de Fevereiro, acompanhada por duas fotografias (“O trono de coroação” de Tutankhamon e duas estátuas do *ka*, junto da entrada aberta da antecâmara para câmara funerária).³⁷ O jornal portuense efectua um resumo das “maravilhas descobertas no Valle dos Reis” que, como diz, causaram “a admiração e o assombro de quantos as puderam contemplar”³⁸, para logo se fixar no castigo infligido aos profanadores. Também aqui se apresenta, como em *A Capital* de 11 de Fevereiro, a lista das vítimas: “O primeiro que pagou com a vida o sacrilégio foi lord Carnarvon. A lista é já muito extensa. Lembremos sómente o bilionario americano Jorge-Gould, o riquissimo londrino Wolf Joel, o grande radiographo inglez sir Archibald Douglas Reid, o sabio canadense Lalleur...”.³⁹ Doença, morte, aniquilação. O faraó convocava assim uma enérgica vingança sobre os responsáveis da profanação e fazia-o de uma forma justificada, compreensível, justa. A Arqueologia como tarefa científica de descoberta e conhecimento do passado sai claramente desvalorizada nesta leitura da realidade.

Ninguém devia, pois, contestar a vingança faraónica. A 4 de Março de 1924, o jornal *A Tribuna* retoma e alimenta “a crença na forma vingadora do famigerado faraó morto há três mil anos”.⁴⁰ Além de Carnarvon, que pagou com a própria vida, Howard Carter sofria também pela “sua audácia de intrometer-se

35 Aubrey Nigel Henry Herbert (1880-1923), meio-irmão de Carnarvon, perdeu a vista e morreu a 26 de setembro de 1923, devido a envenenamento sanguíneo relacionado com um procedimento odontológico que se destinava a restaurar-lhe a visão. Mervyn Robert Howard Molyneux Herbert (1882-1929), o outro meio-irmão de Carnarvon e irmão completo de Aubrey Herbert, morreu, a 26 de Maio de 1929, de uma “pneumonia malária”.

36 *A Tarde*, 16 de Fevereiro de 1924, 1.

37 Estes artefactos estão hoje expostos no Museu Egípcio do Cairo, com os números de entrada JE 62028, JE 60707 e JE 60708, respectivamente.

38 *O Comércio do Porto*, 19 de Fevereiro de 1924, 1.

39 *O Comércio do Porto*, 19 de Fevereiro de 1924, 1.

40 *A Tribuna*, 4 de Março de 1924, 1.

com 'Tutankhamon',⁴¹ ou seja, confrontava-se com a paralisação dos trabalhos e o encerramento do túmulo por decisão do governo egípcio. A empresa arqueológica estava amaldiçoada e não atingia só os especialistas, pois o público vulgar, os turistas, não estavam também a salvo:

E a vingança do faraó sem demora tem sobrevivendo. Assim a vingança exerce-se não só sobre os directos profanadores do sagrado túmulo como sobre os que o profanam, nele penetrando pela curiosidade de o observar.⁴²

Para conferir verosimilhança à afirmação, a notícia enumera vários casos ocorridos com visitantes do túmulo que, de um momento para o outro, inexplicavelmente, foram atingidos por numerosos malefícios (perderam membros e órgãos, perderam as suas fortunas e bens, perderam os noivos...). A notícia termina com uma deliciosa história em que as forças ocultas, negativas, do Além presentes no túmulo de Luxor ocidental fazem das suas:

Por ultimo contemos que uma senhora velha e pretensiosa, mal entrou no lugar sagrado do Faraó, poderes estranhos levantaram-lhe a cabeleira postiça e o correspondente chapéu, os quais por mais tentativas feitas não as descolou do tecto do túmulo do famigerado Tutankamon.⁴³

Forças poderosas, terríveis e vingativas, mas muito bem-humoradas... Os jornais portugueses da época fizeram, portanto, eco de factos extraordinários e contribuíram de forma sensacionalista para lançar, num público alargado, a ideia da maldição que atingira, logo em 1923, Lord Carnarvon, o financiador da expedição arqueológica, e muitos outros intelectuais, jornalistas, visitantes. Curiosamente, Howard Carter, o descobridor efectivo do túmulo, aquele que mais ousou perturbar e desafiar Tutankhamon, aquele que mais mexeu com as "forças ocultas" latentes, viveu ainda durante mais 17 anos – 10 dos quais trabalhando no túmulo –, tendo falecido apenas, em 1939, com 65 anos...⁴⁴

41 *A Tribuna*, 4 de Março de 1924, 1.

42 *A Tribuna*, 4 de Março de 1924, 1.

43 *A Tribuna*, 4 de Março de 1924, 1.

44 Além de Howard Carter, muitos outros membros da equipa de escavação, como Arthur Cruttenden Mace (1874-1928), Alfred Lucas (1867-1945), Henry Burton (1879-1940), Arthur R. Callender (falecido em 1936), Percy

Em Abril de 1923 e Fevereiro-Março de 1924, a imprensa portuguesa transmite, assim, sobretudo, um discurso centrado no misterioso e mágico que faz do Egipto faraónico um local “perigoso”, enigmático e imprevisível, de maldições e encantamentos, que importa respeitar e temer, embora seja fruto de um terrível e atávico atraso civilizacional. Neste retrato da imprensa portuguesa ao dispor de numerosos leitores, o Egipto antigo é, sobretudo, uma terra terrível de magia e de maldições eternas.

Mesmo a interessante notícia de 9 de Abril de 1923, do *Diário de Lisboa*, e de 16 de Abril de 1923, de *O Comércio do Porto – Ed. da Tarde*, que apresenta a morte inexplicável de Lord Carnarvon como “uma luta interessante entre a superstição e a sciencia”,⁴⁵ ou seja, num claro reconhecimento da sobrevalorização da perspectiva supersticiosa que se tentava associar ao Oriente antigo egípcio, acaba por ser dúbia para os leitores e não escapar ao lema da vingança da múmia.⁴⁶ O texto da notícia começa com uma interessante pergunta: “Lord Carnarvon, o profanador do tumulo de Tutankhamon, morreu de morte natural, ou foi vitima de alguma vingança misteriosa que fôsse como o castigo dos velhos deuses á audacia de investigador?”⁴⁷ Para solucionar este perturbador mistério, o “jornalista” equaciona argumentos “científicos”, avessos à superstição (“Para nós homens de um tempo em que as superstições caducaram . . . , lord Carnarvon morreu de doença”)⁴⁸, sem deixar, todavia, de lhe juntar o contraditório, ou seja, as imprecações

. . . esculpidas no tumulo do Pharaó e que o lord desrespeitou: Que volva ao nada a mão que contra mim se erguer! Que volva ao nada a mão que atacar o meu nome, os meus retratos e as imagens de meu pai! Cairão na fogueira de meu pai Amon! Que se acaulem com meu pai Amon! Uma desgraça chegará depressa!”⁴⁹

Newberry (1869-1949), Alan Henderson Gardiner (1879-1963), James Henry Breasted (1865-1935), Walter Hauser (1893-1959), Lindsey Foote Hall (1883-1969), Albert Morton Lythgoe (1868-1934), Battiscombe George Gunn (1883-1950), Harold James Plenderleith (1898-1997), Douglas Derry (1882-1969), entre outros, não foram atingidos pela “maldição” (Reeves 1997, 56-7, 63; Dawson et Uphill 1972).

45 *Diário de Lisboa*, 9 de Abril de 1923, 7.

46 Trata-se exactamente da mesma notícia, com o mesmo título, admitindo-se, pela data, a prioridade da publicação em Portugal ao jornal de Lisboa.

47 *Diário de Lisboa*, 9 de Abril de 1923, 7.

48 *Diário de Lisboa*, 9 de Abril de 1923, 7.

49 *Diário de Lisboa*, 9 de Abril de 1923, 7.

De repente, o homem do “tempo moderno” cede ao homem do “tempo antigo”.

Na composição da notícia, o redactor português – e chamamos-lhe “redactor” porque a notícia dos jornais portugueses foi composta a partir de duas notícias saídas a 6 de Abril no jornal francês *Le Matin*, pp. 1 e 3 – acrescenta que nesta versão da “colera divina do pai Amon”⁵⁰ acreditavam os antigos Egípcios, os coevos habitantes de Luxor e até a grande romancista inglesa Marie Corelli (verdadeiro nome Mary Mackay) e o famoso escritor escocês Conan Doyle.⁵¹ A menção a estes dois últimos personagens funciona como um “argumento de autoridade”, que se pretende impor, desde logo, aos leitores mais informados.

Marie Corelli (1855-1924), possuindo um manuscrito muito raro intitulado *Historia Egyptica das Piramides*, acreditava e assegurava a todos que as forças sobrenaturais que existiam no interior das jazidas funerárias dos reis egípcios abatiam-se sempre de forma terrível sobre aqueles que quebravam os selos dos sarcófagos. Fica claro que Lord Carnarvon desafiara essas entidades protectoras de Tutankhamon e morrera por causa disso, não de qualquer doença ou morte natural.⁵² Conan Doyle (1859-1930), o criador da personagem de Sherlock Holmes, em 1887, e um fervoroso defensor e divulgador do Espiritualismo, é chamado à colação para ‘testemunhar’ que o filho de um Sir inglês (de seu nome William Lugram) descobrira um dia uma múmia que continha uma inscrição (“aquele que me despojar, será morto e privado de sepultura”) e que, “poucos dias depois da sua descoberta”,⁵³ morreu numa caçada sem saber porquê e foi arrastado pela corrente de um rio, ficando, assim, sem ser sepultado. Que maior prova seria necessário produzir para se perceber que Lord Carnarvon não morrera de morte natural?

A notícia que começara com uma interpelante pergunta acaba com uma “verdade” insofismável: “E a verdade é que ainda não houve maneira de se saber ao certo de que especie de doença morreu o profanador do tumulo de Tutankhamon...”.⁵⁴

50 *Diário de Lisboa*, 9 de Abril de 1923, 7.

51 É admissível, portanto, supor a seguinte sequência cronológica desta notícia: publicação original em França, no *Le Matin* (6 de Abril), composição e tradução para português pelo *Diário de Lisboa* (9 de Abril de 1923) e reprodução integral em português em *O Comércio do Porto – Ed. da Tarde* (16 de Abril de 1923).

52 Conhecedor da história, o supersticioso Benito Mussolini, que havia recebido a oferta de uma múmia egípcia, mandou imediatamente retirá-la do Palazzo Chigi.

53 *Diário de Lisboa*, 9 de Abril de 1923, 7.

54 *Diário de Lisboa*, 9 de Abril de 1923, 7.

A promessa de “uma luta interessante entre a superstição e a sciencia”⁵⁵ anunciada no subtítulo da notícia sai completamente gorada, na medida em que no vórtice da ideia do castigo dos deuses do antigo Egipto e sob o “abalizado depoimento” de Autores modernos, a “superstição” sai vitoriosa. O Egipto era seguramente uma terra de “coisas espirituais”⁵⁶ e de poderosas superstições...

Talvez o texto que mais e melhor questiona junto do grande público a teoria da “maldição” seja o publicado na página 2 de *A Capital*, de 10 de Abril de 1923. Trata-se de um texto traduzido do francês *Le Matin* de dois dias antes, em que o leitor é confrontado com uma série de argumentos cruzados, emitidos por ilustres ocultistas, teósofos, espíritas e egiptólogos franceses – aliás, o título da notícia é, neste particular, bem elucidativo. O próprio *lead* do artigo é também muito explícito sobre as intenções subjacentes à sua elaboração, isto é, dar voz aos “*homens de sciencia*”:

A morte de Lord Carnarvon continua a ser o motivo de mil interpretações em que o ocultismo tem a maior parte.

O que pensam nos diversos meios da sciencia do Além? O que pensam os homens de sciencia mais positiva?⁵⁷

O texto é, no fundo, construído com base na consideração “universal” da maldição do faraó, à luz das teorias ocultistas, cujo veredicto é liminar:

Para os ocultistas não ha duvida alguma: a morte de lord Carnarvon é o triunfo das suas teorias; ele foi a victima das forças latentes defensivas acumuladas no tumulto do faraó pelos hierofantes antes do encerramento do tumulo real.⁵⁸

Para o “confronto” argumentativo são convocados eminentes especialistas franceses, certamente desconhecidos para a esmagadora maioria dos leitores portugueses: “O dr. Vergues, autor de sabios estudos sobre o poder magico dos amuletos e dos encantamentos”; “outro ocultista, M. Fidel Amy-Saxe, adepto da

55 *Diário de Lisboa*, 9 de Abril de 1923, 7.

56 *Diário de Lisboa*, 9 de Abril de 1923, 7.

57 *A Capital*, 10 de Abril de 1923, 2.

58 *A Capital*, 10 de Abril de 1923, 2.

iniciação messiânica e da arte mágica da música musical", "M. Victor Emile Michelet, outro adepto do ocultismo" e "M. Albert Jonnet, esoterista e cabalista".⁵⁹

Todos, no fundo, alinham as suas opiniões segundo a perspectiva da existência e acção de forças ocultas na morte de Lord Carnarvon:

Os egípcios queriam assegurar a perpetuidade das suas sepulturas e para isso evitar a violação por meios ofensivos, colocando ao seu dispor forças ocultas de que conheciam o emprego e o poder. O embalsamamento dos corpos era acompanhado de práticas mágicas que consistiam em encantos e em aplicação de amuletos sobre várias partes do cadáver. Era, na realidade, um modo de condensar um dinamismo todo poderoso sobre o corpo do defunto e à volta dele. O imprudente que, num momento, se ia expor a esse dinamismo, a essas forças acumuladas como a electricidade num acumulador, provocando a brusca expansão pela abertura do túmulo, deve ser fatalmente vítima. . . .;

. . . não é nenhum impossível que ela [a morte] tivesse sido determinada para lá dos séculos por uma acção mágica desencadeada pela vontade colectiva do colégio sacerdotal que procedeu aos encantamentos por ocasião dos funerais.⁶⁰

A "vingança do faraó" fora, no fim de contas, a vingança dos sacerdotes do antigo Egipto. Foram eles, com "encantamentos praticados . . . nas sepulturas, antes que fossem fechadas para a eternidade"⁶¹ que colocaram em marcha, no passado longínquo, a morte de 5 de Abril de 1923: "O golpe de picareta dado ao túmulo de Tut-Ahn-Amon libertou essas forças"⁶². Detentores de saberes mágicos "superiores", sabiam captar e acumular "forças ocultas", chamando o M. Albert Jonnet a atenção – em sinal de argumento comprovativo de todos conhecido – para os "traços desta ciência esotérica" presente no livro bíblico de Êxodo, "na narrativa das lutas dos magos egípcios contra Moisés".⁶³

Em contraponto com as autoridades francesas que aceitavam que as múmias egípcias continham elementos nefastos capazes de, ao serem libertos, matarem aqueles que as perturbavam ou estudavam, o espiritualista Mr. Georges Delaune,

59 *A Capital*, 10 de Abril de 1923, 2.

60 *A Capital*, 10 de Abril de 1923, 2.

61 *A Capital*, 10 de Abril de 1923, 2.

62 *A Capital*, 10 de Abril de 1923, 2.

63 *A Capital*, 10 de Abril de 1923, 2.

“presidente da União Espirita de França”⁶⁴, afirma que “A ideia duma vingança é contrária à doutrina espirita”⁶⁵ e recusa, por isso, que Tutankhamon se tivesse vingado na posteridade.

O mesmo sentir partilha o egiptólogo francês “Georges Bénédite, conservador do Museu do Louvre”⁶⁶, que transporta para o elenco dos argumentos a sua própria experiência pessoal e para quem tudo se resumia à débil saúde de Carnarvon e, em consequência, a uma morte natural:

Há já um certo número de anos que vivo entre as mumias e, como vê, delas não recebi nenhum malefício... A verdade é que lord Carnarvon de saúde debil, não poudo resistir às fadigas das escavações e buscas que empreendeu.⁶⁷

O grande contributo deste texto publicado em Portugal sobre a morte de Lord Carnarvon ocorrida apenas cinco dias antes, copiado do original francês, com recurso a posições contraditórias, antagónicas, é expor essas posições, de forma desassombrada, e deixar ao leitor, por assim dizer, a “decisão” sobre a “corrente explicativa” que lhe parecer mais “científica”. Notícias posteriores, como vimos, inclinariam, porém, a balança para o lado da explicação temerosa do passado egípcio.

A este conjunto de notícias cujo enfoque recai sobre a maldição de Tutankhamon e as consequências desta, principalmente no que respeita à morte de Lord Carnarvon, podemos ainda acrescentar três outros textos (*O Século*, 14 de Fevereiro de 1924, p. 1; *Diário de Lisboa*, 16 de Fevereiro de 1924, p. 7; *O Comércio do Porto – Ed. da Tarde*, 16 de Fevereiro de 1924, p. 4), adaptados do original publicado no *Le Matin* a 11 de Fevereiro, que relatam um caso fantástico ocorrido na Irlanda e que, uma vez mais, vem associar ao antigo Egipto a ideia de um universo místico e ameaçador. A notícia resulta de relatos de eventos ocorridos com o Conde Luís Hamon,⁶⁸ que contara ao *Le Matin* que, em 1889, havia recebido de um

64 *A Capital*, 10 de Abril de 1923, 2.

65 *A Capital*, 10 de Abril de 1923, 2.

66 *A Capital*, 10 de Abril de 1923, 2. Georges Bénédite (1857-1926) foi curador do Louvre a partir de 1907. Curiosamente, Bénédite faleceria em Luxor, no Egipto, pouco tempo depois de visitar o túmulo de Tutankhamon, vindo a sua morte a alimentar também a maldição do faraó.

67 *A Capital*, 10 de Abril de 1923, 2.

68 Conde Luís Hamon (1866-1936) foi um oculista, astrólogo e quiromante irlandês.

egípcio uma mão de uma princesa que teria sido uma das sete filhas do “faraó herético que reinou há 3:000 anos, antes de Tut-Ank-Amon”,⁶⁹ ou seja, Amenófis IV/Akhenaton. Esta princesa teria sido assassinada e a sua mão decepada em consequência de se ter revoltado contra o seu pai, cujos seguidores haviam “feito justiça” e assegurado que nem na morte tivesse descanso. Em consequência disso, em 1920 e em Maio e Outubro de 1921, relata o Conde, a mão da princesa “ganhou” vida e a princesa chegou mesmo a aparecer como um espectro. Hamon afirma: “Não podia ser outra senão a princesa – que arrastava pelo mundo a maldição que os heréticos lhe lançaram”.⁷⁰

Sabendo-se que foi o egiptólogo-jornalista Arthur Weigall (1880-1934) quem “criou” a maldição do faraó, não se pode escamotear o papel preponderante da imprensa na difusão dessa teoria.⁷¹ Ao recolherem e acolherem contributos de personagens como Corelli e Doyle e outros ocultistas, os jornalistas reforçaram a ideia e os jornais portugueses seguiram obedientemente essa linha e, à sua maneira e escala, contribuíram para a disseminação da mesma, sobretudo junto do público português.

No rol dos grandes títulos da imprensa portuguesa alusivos à maldição do faraó merecem-nos destaque alguns aspectos, igualmente significativos no âmbito da elaboração das notícias e da sua disseminação. Desde logo, o facto de estarmos perante diferentes tipos de notícias: por um lado, notícias publicadas em periódicos portugueses que são a reprodução, ou seja, tradução/cópia, de notícias publicadas pela imprensa internacional (estão nesta categoria as notícias de: *A Capital*, de 5 e de 10 de Abril de 1923; de *A Tarde*, de 16 de Fevereiro de 1924; e de *A Tribuna*, de 4 de Março de 1924) e, por outro, notícias supostamente originais, elaboradas especificamente por autores/jornalistas portugueses, embora não sejam assinadas (integram-se neste lote as notícias de: *A Tribuna*, de 5 de

69 *Diário de Lisboa*, 16 de Fevereiro de 1924, 7.

70 *Diário de Lisboa*, 16 de Fevereiro de 1924, 7.

71 Vendo Lord Carnarvon agradecer quando se preparava para entrar no túmulo de Tutankhamon, A. Weigall, despeitado com o sucesso dos seus rivais (Carnarvon e Carter), “amaldiçoou-o”, afirmando para um seu colega jornalista que, “mantendo aquela atitude, não teria mais de seis semanas de vida”, o que viria, de facto, a acontecer. Nascia, assim, fruto da inveja e da zanga de um homem e não da acção de um rei do passado, a “maldição de Tutankhamon”. Curiosamente, a morte de Arthur Weigall, a 3 de Janeiro de 1934, com 54 anos, 11 anos depois de Lord Carnarvon, foi noticiada pela imprensa britânica (*Daily Mail*, *The Daily Express*, *The Daily Mirror* e *The Referee*) como resultando também da maldição de Tutankhamon (Hankey 2001, 3-5, 353).

Abril de 1923;⁷² do *Diário de Notícias*, de 7 de Abril de 1923; do *Diário de Lisboa*, de 9 de Abril de 1923; de *A Capital*, de 11 de Fevereiro de 1924; e de *O Comércio do Porto*, de 19 de Fevereiro de 1924).

Complementarmente, em alguns casos (*Diário de Notícias*, de 7 de Abril de 1923, e *O Comércio do Porto*, de 19 de Fevereiro de 1924), além do desenvolvimento da notícia, recorre-se à fotografia para, assim, dar a conhecer artefactos vários do espólio do faraó egípcio da moda.

A teoria da maldição do faraó que os jornais portugueses propagaram acabou por ter consequências literárias, na medida em que estiveram na base da primeira obra ficcional inspirada por Tutankhamon que é portuguesa: o romance de cariz policial intitulado *A Profecia ou o Mistério da Morte de Tut-Ank-Amon*, da autoria de Fernando Val do Rio de Carvalho Henriques (1897-1966).⁷³

Conclusão

Com a divulgação de notícias quase diárias, independentemente das suas características e do tratamento jornalístico-noticioso que lhes foi conferido, a imprensa portuguesa foi um poderoso agente na ampliação do mistério e fascínio que a antiga civilização egípcia exercia sobre os leitores portugueses e, ao mesmo tempo, na transformação desse Egipto longínquo no tempo e no espaço numa realidade mais próxima e concreta, embora sem perder, todavia, a sua carga subjectiva e mítica.

O discurso sobre o Egipto antigo promovido pela imprensa portuguesa dos anos 20 do século XX, de mão própria ou inspirado/copiado de outras congéneres europeias, dependeu daquilo que lhe estava directamente subjacente (a descoberta do túmulo do faraó Tutankhamon) e enfatizou o tema que pretendia abordar e destacar: “a maldição da múmia” que, por tenebrosas artes mágicas, atingia aqueles que profanaram o túmulo do Vale dos Reis.

72 Como já mencionámos antes, esta notícia faz referências a publicações estrangeiras, no caso “a revista inglesa *London News*” e “*L'Illustration*”, indiciando a sua utilização para a redacção do texto. Classificamo-la como “notícia copiada”, mas não nos foi possível confirmar a efectiva utilização daquelas fontes/originais.

73 Anterior a *A Profecia* existe apenas um “conto” (4 páginas) de Agatha Christie, protagonizado por Hercule Poirot, intitulado *The Grey Cells of M. Poirot: No. I. The Adventure of the Egyptian Tomb*, publicado a 26 de Setembro de 1923, na revista londrina *The Sketch*.

Na representação dos textos e das imagens da imprensa portuguesa de 1923-1924 que destacámos, o Egipto da “maldição dos faraós” é um lugar romanesco, ficcional, de seres exóticos, crédulos e supersticiosos e de experiências espirituais extraordinárias (mais imaginário do que real). Estamos no domínio das representações e não das descrições “naturais” ou “puras” do Egipto faraónico em que o que nos interessa não é a exactidão da representação ou a sua fidelidade (Said 2004, 24).⁷⁴ O que interessa e é de sublinhar é que, dessa forma, a imprensa portuguesa, com maior ou menor dramatização, hiper-valorizando o tópico da “maldição da múmia”, tornou o antigo Egipto *presente*. E essa foi, certamente, uma boa “maldição” que nos atingiu a todos.

74 Said 2004, 24.

ANEXO A

Imagens dos cabeçalhos das notícias analisadas



Fig. 1. *A Capital*, 5 de Abril de 1923, p. 1

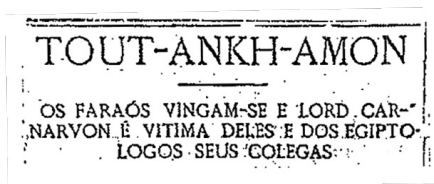


Fig. 2. *A Tribuna*, 5 de Abril de 1923, p. 1



Fig. 3. *Diário de Notícias*, 7 de Abril de 1923, p. 1



Fig. 4. *Diário de Lisboa*, 9 de Abril de 1923, p. 7

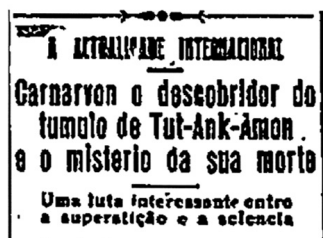


Fig. 5. *O Comércio do Porto – Ed. da tarde*, de 16 de Abril de 1923, p. 1

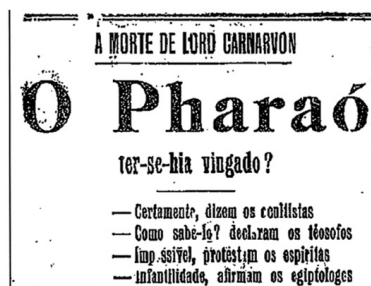


Fig. 6. *A Capital*, 10 de Abril de 1923, p. 2



Fig. 7. *A Capital*, 11 de Fevereiro de 1924, p. 1



Fig. 8. *A Tarde*, 16 de Fevereiro de 1924, p. 1



Fig. 9. *O Comércio do Porto*, 19 de Fevereiro de 1924, p. 1



Fig. 10. *A Tribuna*, 4 de Março de 1924, p. 1

BIBLIOGRAFIA

- Araújo, Armindo dos Santos. 1992. “Os primórdios da ciência egiptológica.” *Cadmo. Revista do Instituto Oriental da Universidade de Lisboa – Actas do Colóquio Internacional “Orientalismo Ontem e Hoje”* 12:63-84.
- Barreto, Luís Filipe. 1998. “O orientalismo conquista Portugal.” In *A Descoberta do Homem e do Mundo*, org. Adauto Novaes, 273-91. São Paulo: Companhia das Letras.
- Carreira, José Nunes. 1992. “Século de Verdi: o despertar de um gigante.” *Cadmo. Revista do Instituto Oriental da Universidade de Lisboa – Actas do Colóquio Internacional “Orientalismo Ontem e Hoje”* 12:9-39.
- Dawson, Warren R. et Uphill, Eric P. 1972. *Who Was Who in Egyptology. A Biographical Index of Egyptologists; of Travellers, Explorers, and Excavators in Egypt; of Collectors of and Dealers in Egyptian Antiquities; of Consuls, Officials, Authors, Benefactors, and Others Whose Names Occur in the Literature of Egyptology, from the Year 1500 to the Present Day, but Excluding Persons Now Living*. London: The Egypt Exploration Society.
- Description de l’Égypte publiée par les ordres de Napoléon Bonaparte*. 1994. Colónia: Benedikt Taschen.
- Dewachter, Michel. 1994. *Champollion. Un scribe pour l’Égypte*. Paris: Gallimard.
- Hankey, Julie. 2001. *A Passion for Egypt. Arthur Weigall, Tutankhamun and the Curse of the Pharaohs*. London/New York: I.B.Tauris Publishers.
- Lacouture, Jean. 1988. *Champollion. Une vie de lumières*. Paris: Bernard Grasset.
- Laurens, Henry. 1997. *L’expédition d’Égypte. 1798-1801*. Paris: Éditions du Seuil.
- Lemos, Mário Matos e. 2006. *Jornais Diários Portugueses do Século XX: Um Dicionário*. Coimbra: Ariadne Editora/Ceis20.
- Matos, Sérgio Campos. 1992. “Oriente e orientalismo em Portugal no século XIX: o caso de Oliveira Martins.” *Cadmo. Revista do Instituto Oriental da Universidade de Lisboa – Actas do Colóquio Internacional “Orientalismo Ontem e Hoje”* 12:211-24.
- Murat, Laure et Nicolas Weill. 1998. *L’expédition d’Égypte. Le rêve oriental de Bonaparte*. Paris: Gallimard.
- Neto, Maria João Baptista. 1992. “O poder das formas: o antigo Egito revivido na arte portuguesa contemporânea.” *Cadmo. Revista do Instituto Oriental da Universidade de Lisboa – Actas do Colóquio Internacional “Orientalismo Ontem e Hoje”* 12:225-41.
- Oliveira Marques, A. H. de. 1991. *Portugal da Monarquia para a República, 1900-1930*. Lisboa: Editorial Presença.
- Reeves, Nicholas. 1997. *The Complete Tutankhamun. The King. The Tomb. The Royal Treasure*. Cairo: The American University in Cairo Press.
- . 2000. “1922. The Tomb of Tutankhamun.” In *Ancient Egypt. The Great Discoveries. A Year-by-Year Chronicle*, 160-66. London: Thames & Hudson.
- Reeves, Nicholas, et Richard H. Wilkinson. 2005. *The Complete Valley of the Kings. Tombs and Treasures of Egypt’s Greatest Pharaohs*. Cairo: The American University in Cairo Press.
- Rodrigues, Ana Maria, ed. 1999. *O Orientalismo em Portugal (Séculos XVI-XX)*. Porto: Inapa.
- Said, Edward. 2004. *Orientalismo. Representações Ocidentais do Oriente*. Lisboa: Livros Cotovia.
- Sales, José das Candeias. 1992. “A arqueologia egípcia no século XIX: da ‘caça ao tesouro’ à salvaguarda da herança faraónica.” *Cadmo. Revista do Instituto Oriental da Universidade de Lisboa – Actas do Colóquio Internacional “Orientalismo Ontem e Hoje”* 12:85-112.

- . 2007. *Estudos de Egptologia. Temáticas e Problemáticas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- . 2008. *Poder e Iconografia no Antigo Egípto*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Sales, José das Candeias, et Susana Mota. 2018a. "Tutankhamon em Portugal: relatos na imprensa portuguesa (1922-1939): a revista Diónyos, Humberto Pinto de Lima e Tutankhamon." *Revista de História da Sociedade e da Cultura* 18:227-49. DOI:10.14195/1645-2259_18_11
- Sales, José das Candeias, et Susana Mota. 2018b. "Tutankhamon em Portugal (1923-1926): da superstição ao ensaio académico ou os percursos que vão da 'maldição da múmia' ao Hino a Aton". *História. Revista da FLUP*, IV Série, 8 (2):221-252. DOI:10.21747/0871164X/hist8_2oe1
- Santos, António Ramos dos. 1992. "A Assiriologia no século XIX." *Cadmo. Revista do Instituto Oriental da Universidade de Lisboa— Actas do Colóquio Internacional "Orientalismo Ontem e Hoje"* 12:123-36.
- Sardica, José Miguel. 2014. "Imprensa. Títulos." In *Dicionário de História da I República e do Republicanismo, Vol. II: F-M*, coord. Maria Fernanda Rollo, 344-57. Lisboa: Assembleia da República.
- Solé, Robert, et Dominique Valbelle. 1999. *La Pierre de Rosette*. Paris: Éditions du Seuil.
- Vandenberg, Philipp. 1973. *A Maldição dos Faraós*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Vaz, Armindo dos Santos. 1992. "Literaturas do Antigo Oriente e renovação dos estudos bíblicos." *Cadmo. Revista do Instituto Oriental da Universidade de Lisboa — Actas do Colóquio Internacional "Orientalismo Ontem e Hoje"* 12:157-93.

CH

CENTRO DE HISTÓRIA
